

# Felicidade foi-se embora

**| BEM ESTAR |** Brasil cai radicalmente em ranking mundial de felicidade. No Nordeste, queda é ainda mais acentuada. Desigualdade social, sensação de insegurança e incredulidade política reforçam impressão de fracasso

JÁDER SANTANA  
jader.santana@opovo.com.br

Estamos mais infelizes. E se o brasileiro viu minguar sua felicidade, a situação do nordestino ficou ainda mais cinza. É o que aponta a pesquisa World happiness report (Relatório Mundial de Felicidade), promovida pela Gallup, empresa norte-americana de análise e consultoria. Em 2018, de acordo com a investigação, atingimos o ponto mais baixo na medição de nossos índices de satisfação. E a contabilidade de nossos rendimentos tem a ver com a queda, mas não é só isso. A instabilidade política e a insegurança de nossas ruas também colaboraram.

Em sua sétima edição, a pesquisa, que analisa 156 nações, colocou o Brasil na 32ª posição, abaixo de países como Panamá (31ª), Guatemala (27ª) e Israel (13ª), e acima do Uruguai (33ª), Itália (36ª) e Argentina (47ª). Na média dos últimos três anos, estabelecida a partir de critérios objetivos e subjetivos, registramos a marca de 6,3 mil pontos. Entre 2010 e 2012, nossa

média estava em 6,8 - praticamente a mesma registrada pelo Reino Unido e acima de nações como França (6,7) e Alemanha (6,6).

Responsável por destrinchar os dados brasileiros, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) elaborou o relatório "Como vai a vida? Entendendo a queda do bem estar social a partir de microdados subjetivos e objetivos". Dados divulgados com exclusividade ao O POVO apontam para a involução da felicidade no Nordeste, região que apresentou uma queda maior que a brasileira no mesmo período. Se o Brasil caiu de 6,99 a 6,36 até o fim de 2018, a região Nordeste foi de 6,92 para 6,15.

"É verdade que a felicidade do Nordeste é menor que no Sudeste. Tem a ver com o nível de pobreza. Mas, se você comparar pessoas com o mesmo nível de renda e educação, o Nordeste apresenta um nível de felicidade maior do que o resto do País. É a felicidade nordestina", avalia o economista Marcelo Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV, responsável pela investigação no âmbito nacional.

CONTINUA NA PÁGINA 22

Continuação da página 21

Em relação aos números brasileiros, chama atenção que o resultado de 2018, considerados individualmente, sejam ainda mais baixos - a pior nota do Brasil em sua média histórica: 6,2 mil pontos. Em 2006, quando o ranking começou a ser elaborado, marcamos 6,6 mil. Em 2013, ano das grandes manifestações de rua no País, atingimos nossa melhor pontuação, 7,1 mil pontos - a frente de todos os vizinhos sul-americanos. Nossa queda acompanha, segundo o relatório, uma "onda global de infelicidade" que tem a ver com o sentimento de incredulidade em relação aos nossos líderes políticos e com o uso inadequado e excessivo das redes sociais.

A queda do País, de 7,1 para 6,2 em cinco anos, é uma das três piores quedas globais, ao lado de Yemen, Malawi e Zimbábwe, e revelam uma "grande regressão social". "É verdade que ainda somos o número 37 no ranking de 156 nações, mas em 2013-2014 éramos o número 17. Essa queda radical chama atenção, é absolutamente grande", avalia o Marcelo Neri.

Os critérios objetivos levados em consideração pela pesquisa dizem respeito aos sentimentos de prosperidade - crescimento da média de renda e de consumo (prosperidade); de igualdade - distribuição dessa renda entre indivíduos e grupos da sociedade; e de sustentabilidade - possibilidade de manutenção dos padrões de vida conquistados. O PIB do trabalhador brasileiro subiu 2,3% em 2018, a maior taxa dos últimos quatro anos, e a renda per capita também cresceu 1,54%. A má notícia é que a equidade, fechando quatro anos de piora contínua, caiu mais 0,71% em 2018. Queda desse porte e constância não aconteceu nem mesmo antes de 1989, nosso pico histórico de desigualdade.

Apesar dos números positivos de PIB e renda per capita

apresentados no período recente, há um descompasso em relação aos critérios subjetivos - relacionados à percepção particular das pessoas sobre a situação do País, levando em conta critérios como qualidade de vida e a disponibilidade e acesso a serviços públicos. "O PIB não explica tudo. Pra entender a queda no Brasil, não basta olhar pra uma das maiores recessões da história do País", explica Neri. Em outras palavras, a retomada da economia não está expressa nas respostas de felicidade, que se vê minada pelas altas taxas de desemprego, descrença na política e medo da violência.

Ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e ex-ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da presidência entre os anos de 2013 e 2015, Neri aponta para a alarmante situação do Brasil em outros rankings. "Em 2017, o Brasil era o número 2 entre os países com mais medo da

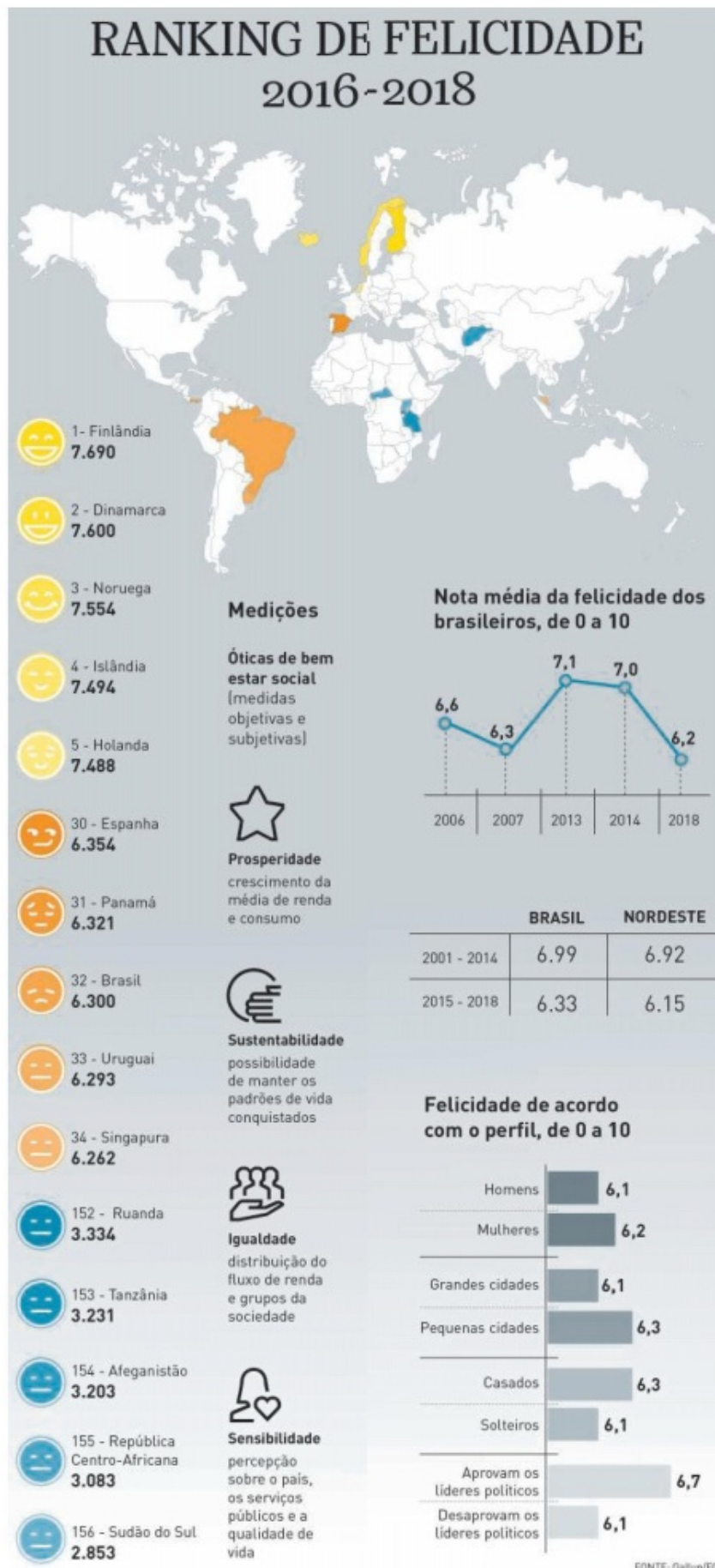
violência. A partir de uma pergunta direta, "você tem medo de andar à noite em seu bairro?", percebemos que o nível de medo do brasileiro só perde para o registrado no Afeganistão. Se você perguntar sobre o nível de confiança no Governo federal, também vamos estar entre os dois piores, perdendo apenas para a Bósnia. Os dados sobre aprovação das lideranças políticas no Brasil são os mais baixos de toda a história. São situações extremas", explica.

O relatório da FGV também analisa os perfis particulares dessa infelicidade. Agora, os homens parecem mais infelizes que as mulheres - o que também pode ser explicado pelos níveis de renda, já que enquanto a delas subiu 2% desde 2014, a deles caiu 5% no mesmo período. Aqueles que moram em metrópoles e grandes cidades são mais infelizes que os que vivem em cidades pequenas. A nota dos primeiros é 6,1, enquanto os segundos pontuaram 6,3.

E por falar em renda, a relação entre a condição financeira e os níveis de felicidade se tornam ainda mais patentes quando consideramos as respostas dos 20% mais ricos conta o restante da população. De 0 a 10, os primeiros atribuem nota 7 para sua felicidade. Para os demais, a nota é 6,2. Variação semelhante entre os que têm ensino fundamental completo (nota 6,5) e os que não têm (5,7).

"É o aumento da desigualdade explicando a piora da felicidade", avalia Neri, que acredita em uma lenta recuperação a partir de agora: "Estamos no fundo do poço, tão baixo que uma mudança não é descartada. Vamos ter índices melhores. É uma positividade condicionada: se fizermos a coisa certa, se a economia melhorar, se a desigualdade parar de subir, se o desemprego for controlado, se a sociedade retomar a confiança no sistema, esse índice pode reagir rapidamente".








# Reprimidos e zangados

**| PSICANÁLISE |** Aliada à repressão de impulsos básicos, a insatisfação com fatores sociais, políticos e econômicos estaria na origem da intensificação de nosso mal estar



Estudioso da felicidade e da paranoia na vida política e social, o médico psiquiatra Valton de Miranda Leitão, que é também psicanalista, ensaísta político e Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará (UFC), se diz contrário à medição de níveis de felicidade mas reconhece que padrões gerais de cultura, educação, saúde, pobreza e qualidade de vida interferem no “mal estar na civilização”, termo emprestado da psicanálise freudiana.

“Sou contra esse tipo de numerologia, acho uma tolice. Naturalmente, todas as culturas tem um mal estar que varia de acordo com algumas situações. O Brasil é um dos países com maior concentração de renda do mundo, e isso já é suficiente para acentuar nosso mal estar.

Esse é um ponto de partida”, avalia Valton.

E o que seria, então, a felicidade? Para o especialista, “é um termo genérico que tenta capturar uma coisa que não tem a ver apenas com a realidade sócio-histórica das pessoas”. Teria ligação com um mal estar inerente ao homem civilizado que precisa reprimir impulsos. “Quando isso é estimulado pelos fatores sociais, políticos e econômicos, esse mal estar é incrementado, e isso pode coincidir com a ideia de infelicidade”.

Essa ideia estaria sendo ainda mais enfatizada pela percepção de que o País mergulhou em uma divisão profunda. “Esses posicionamentos preconceituosos, escravocratas, racistas, dormitavam no inconsciente dos setores de

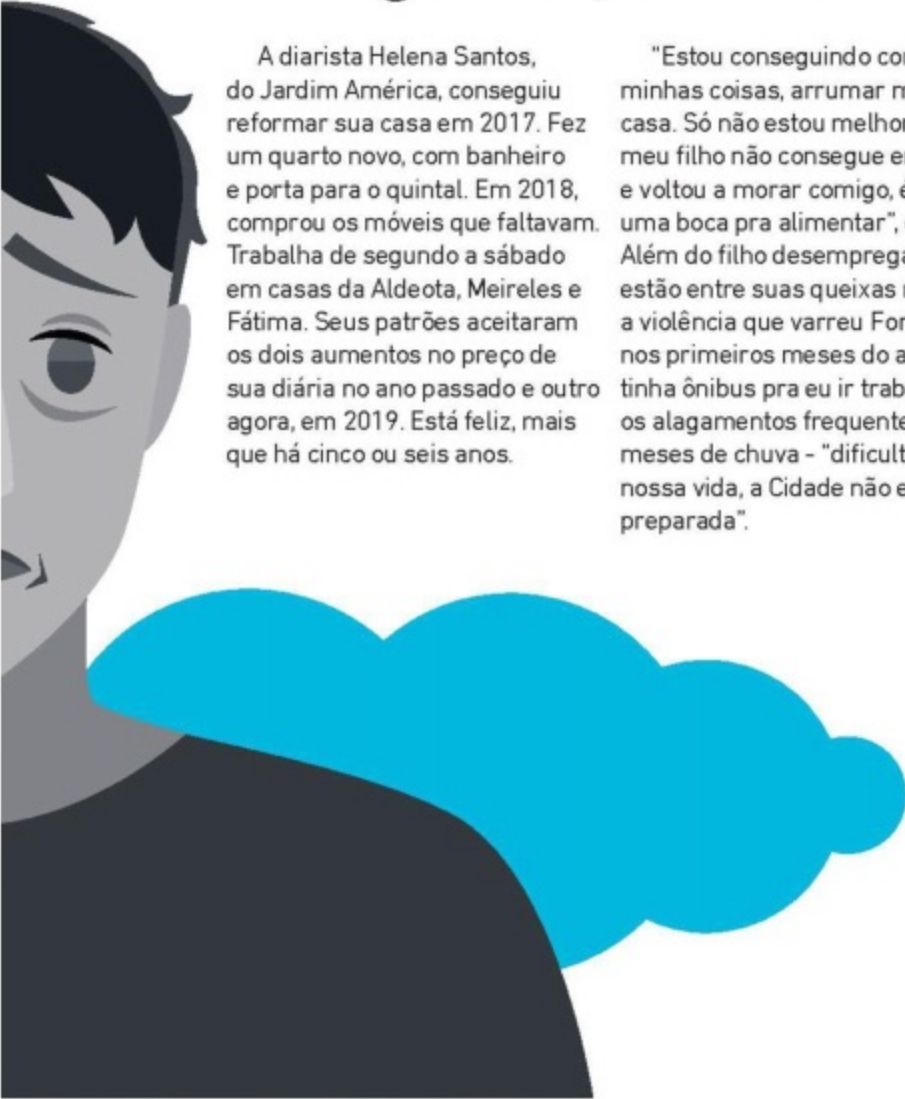
classe média, mas eles foram estimulados para que algumas pessoas atingissem determinados objetivos políticos. A sociedade ficou dividida por esse ódio que coincide com o ódio de classe. Todo esse processo tem a ver com o incremento do mal estar na cultura”, explica.

Valton aponta seu dedo acusador. “Você tem na chefia da nação um homem que usa o símbolo de uma arma. Um ministro da justiça que quer a flexibilização do porte de arma. Não vamos desresponsabilizar esses caras. Eles são responsáveis pelo que está acontecendo, assim como a imprensa, o judiciário, a tutela militar. Os pactos entre os grupos estão se desfazendo. É o retrocesso da sociedade, a luta da barbárie contra a civilização”, conclui.

---

## A REALIDADE

# Insegurança e dívidas



A diarista Helena Santos, do Jardim América, conseguiu reformar sua casa em 2017. Fez um quarto novo, com banheiro e porta para o quintal. Em 2018, comprou os móveis que faltavam. Trabalha de segundo a sábado em casas da Aldeota, Meireles e Fátima. Seus patrões aceitaram os dois aumentos no preço de sua diária no ano passado e outro agora, em 2019. Está feliz, mais que há cinco ou seis anos.

"Estou conseguindo comprar minhas coisas, arrumar minha casa. Só não estou melhor porque meu filho não consegue emprego e voltou a morar comigo, é mais uma boca pra alimentar", conta. Além do filho desempregado, estão entre suas queixas recentes a violência que varreu Fortaleza nos primeiros meses do ano - "não tinha ônibus pra eu ir trabalhar" - e os alagamentos frequentes nos meses de chuva - "dificulta muito nossa vida, a Cidade não está preparada".

O nível de satisfação de Helena encerrou 2018 com um balanço positivo, mas o mesmo não pode ser dito de Kelly Moreira, vendedora em um shopping da Cidade. Kelly teve sua segunda filha em 2017, mas seus rendimentos somados aos do marido não estão dando conta das novas despesas. "Estamos ficando endividados, porque além de tudo temos as parcelas de um carro", explica ela, que vem acompanhando com apreensão os passos do novo governo. "Votei no Bolsonaro, mas estou com medo de que nada dê certo, com esse monte de reforma empacada", conclui.

A também vendedora Mirela Freitas, amiga de Helena, é ainda mais pessimista em relação à nova administração do País. "Estou completamente decepcionada. Também votei nele, mas nada está acontecendo como eu esperava", conta ela, que desistiu de comprar um carro e trancou a faculdade de nutrição que cursava - "as contas não fecham mais".

**Leia mais nas páginas 24 e 25**



